

Escritas negras no Ensino de Espanhol: o que as escritoras afro-latinas têm a nos dizer?

Escrituras negras en la Enseñanza del Español: ¿qué nos tienen a decir las escritoras afrolatinas?

Ma. Maria Elia dos Santos Teixeira de Carvalho¹

Resumo

Apesar de a maioria da população brasileira ser composta por negros, ainda vemos a baixa representação do protagonismo da cultura negra na literatura utilizada nas escolas, especialmente nas aulas de língua espanhola. Acreditamos que a democratização de acesso à produção da literatura afro-latina escrita por mulheres vai abrir caminhos para uma autorrepresentação de autoria, bem como de representatividade e identificação para os nossos discentes. Nesta vertente, este estudo tensiona, como via de problematização, a ausência de escritoras afro-latinas nas aulas de língua espanhola, em oposição à presença da literatura hegemônica de autoria branca, masculina e europeia. Sabemos que a decolonização do saber perpassa também em reivindicar o lugar da produção intelectual da ancestralidade trazendo para as universidades e os demais campos de produção do conhecimento as escritas femininas negras. Para esse estudo, propomos uma metodologia de cunho bibliográfico, com revisão do aporte teórico de livros, teses, artigos de periódicos, bem como, a análise de material didático. Através do levantamento e leitura dos materiais, buscamos subsídios para auxiliar em nossa discussão. A partir das leituras desenvolvidas, constatamos a importância de apresentar para nossos/as alunos/as as escritas negras femininas afro-latinas que, devido a um sistema excludente, de cunho racista, ficaram costumeiramente à margem das nossas práticas docentes. Nesta perspectiva, cremos que ao abordar, pautados na interculturalidade e nos estudos decoloniais, a literatura afrofeminina nas aulas de Espanhol, estamos possibilitando o acesso a uma produção intelectual que evoca novos lugares representativos para os/as afro-brasileiros/as, como forma de se vislumbrarem enquanto protagonistas de suas próprias histórias e não mais relegados aos papéis que os brancos lhes permitiram atuar. Para tanto, nossas discussões estão ancoradas em Nilma Lino Gomes (2017), Walter Mignolo (2017) e Conceição Evaristo (2008).

Palavras-chave: Escrita afrofeminina; Afrocultura; Estudos decoloniais; Interculturalidade.

Resumen

Aunque la mayoría de la población brasileña está compuesta por negros, todavía vemos la baja representación del protagonismo de la cultura negra en la literatura utilizada en las escuelas, especialmente en las clases de español. Creemos que la democratización del acceso a la producción de literatura afro-latina escrita por mujeres abrirá el camino a la autorrepresentación de la autoría, así como a la representación e identificación de nuestras alumnas. En este sentido, este estudio pone en tensión, como una forma de problematizar, la ausencia de escritores afrolatinos en las clases de lengua española, frente a la presencia de literatura hegemónica de autoría blanca, masculina y europea. Sabemos que la descolonización del conocimiento también impregna para reclamar el lugar de producción intelectual de la ascendencia, llevando a las universidades negras y otros campos de producción del conocimiento los escritos femeninos negros. Para este estudio se propone una metodología bibliográfica, con revisión del aporte teórico de libros, tesis, artículos de revistas, así como el análisis de material didáctico. A través de la encuesta y la lectura de los materiales, buscamos subsidios para ayudar en nuestra discusión. A partir de las lecturas desarrolladas, nos dimos cuenta de la importancia de presentar a nuestras alumnas los escritos de mujeres

¹ (Mestra em Educação; Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações UESC/Ba; Instituto Federal Baiano campus Uruçuca Itabuna, Bahia, Brasil; mariaelia.carvalho@yahoo.com.br)

negras afro-latinas que, por un sistema excluyente, de carácter racista, solían quedar al margen de nuestras prácticas docentes. En esta perspectiva, creemos que, al abordar, con base en la interculturalidad y los estudios decoloniales, la literatura afro-femenina en las clases de español, estamos posibilitando el acceso a una producción intelectual que evoca nuevos lugares representativos para los afrobrasileños, como una forma de para verse a sí mismos como protagonistas de sus propias historias y no más relegados a los roles que los blancos les permitían jugar. Para eso, nuestras discusiones están ancladas en Nilma Lino Gomes (2017), Walter Mignolo (2017) y Conceição Evaristo (2008).

Palabras clave: Escritura afro-femenina; Afrocultura; Estudios decoloniales; Interculturalidad.

1. Introdução

Não raro, no Brasil, o ensino de língua espanhola tem um viés centralizado apenas no ensino da gramática espanhola, desconsiderando que ensinar uma língua é também dialogar com a cultura, com a leitura de mundo e com as possibilidades de ultrapassar dados puramente linguísticos para inserir o educando no campo das múltiplas linguagens que compõem uma língua. Há, ainda, uma vertente de ensino que busca relacionar-se com a literatura, entretanto, centra seus conteúdos em textos canônicos, produzidos por homens brancos, europeus representantes de uma cultura que não dialoga com as vivências que trazem os nossos discentes das escolas públicas.

A partir da nossa experiência como docentes de espanhol no ensino básico e como fruto dos estudos que estamos desenvolvendo em nossa tese de doutorado, nos voltamos ao ensino de língua espanhola aqui no Brasil a fim de tensionar, enquanto problematização, a ausência de escritoras afro-latinas e seus textos literários nas classes de espanhol. Questionamos, ainda, quais escritos literários têm sido apresentados aos discentes, entendendo que urge a inserção da literatura nas aulas de língua espanhola e, igualmente, que isto se dê por um viés decolonizador e pautado na interculturalidade.

Acreditamos, nesse sentido, que é preciso enegrecer nossas aulas de espanhol, afrolatinizar os saberes que apresentamos, sem que sobre o termo América Latina recaia todo o peso impresso pela colonialidade. Conforme aponta Walter Mignolo (2017), a língua é, também, um mecanismo de poder, portanto, para construirmos uma educação antirracista e que possibilite aos estudantes das escolas públicas um processo de empoderamento e cidadania, precisamos decolonizar conhecimentos e afroculturalizar os saberes que apresentamos aos discentes, mostrando possibilidades outras de vivências, de resistências e de narrativas da realidade. Importa, então, nos questionarmos sobre o que ensinamos, como ensinamos e para quem ensinamos.

Frente à realidade que vivemos, na qual emerge com cada vez mais urgência a necessidade de uma educação antirracista, plural e democrática, a qual deslinde em uma real transformação educacional, entendemos que a temática aqui suscitada mostra-se muito relevante. Sabemos que, nas escolas públicas, temos um público majoritariamente composto por discentes negros, o que torna imprescindível apresentarmos um ensino de língua espanhola que seja para eles também significativo – pautado num diálogo com outras realidades culturais do universo afro-latino, a partir da ótica feminina de escritoras negras. Desse modo, objetivamos, portanto, discutir como tem se dado o ensino de língua espanhola no Brasil e, igualmente, temos como objetivo propor um enegrecimento do ensino de espanhol, a partir da afrolatinização do currículo em diálogo com a literatura negra feminina de autoras afro-latinas.

2. Metodologia

Este estudo integra o corpo de nossa pesquisa em desenvolvimento na nossa de tese de doutorado, portanto, consiste em uma revisão bibliográfica, de método qualitativo. Para tanto, adotamos uma abordagem teórica com base na pesquisa bibliográfica e selecionamos material direcionado ao ensino de língua espanhola na educação básica. Nossa pesquisa foi desenvolvida a partir de fichamentos de materiais como livros, teses, artigos de periódicos, além da análise de material didático, buscando subsídios que possam auxiliar em nossa discussão. Para tanto, procuramos identificar, localizar e analisar referencial pertinente ao assunto. Buscamos aporte também na legislação brasileira e nas diretrizes educacionais referentes às políticas linguísticas e à educação básica, mais especificamente ao Ensino Médio e ao ensino de língua espanhola no ensino médio. A partir das buscas realizadas, adotamos os seguintes procedimentos metodológicos: leitura, fichamento, análise das informações e posterior escrita do artigo para publicação.

3. Resultados

Por este estudo ser fruto de uma tese em desenvolvimento, entendemos que os resultados ainda estão sendo construídos. Entretanto, ainda assim, podemos apontar, com base nos estudos decoloniais, a necessidade de decolonizarmos saberes e isso significa a inserção de determinados conteúdos nas aulas, bem como um ensino que permita aos alunos questionarem saberes, bem como plurizarmos e afrolatinizarmos conhecimentos. Defendemos que, nesse sentido, o diálogo com a literatura de mulheres afro-latinas não apenas amplia o repertório cultural de nossos alunos, como é fundamental para a identificação deles com aquilo que estudam, resultando num ensino mais significativo.

Para Conceição Evaristo (2009), um dos principais motivos da evasão na escola pública é justamente porque os alunos, em sua maioria negros, não conseguem se reconhecer nem se identificar com os conteúdos que são ensinados. Dessa forma, entendemos que apresentar, nas aulas de língua espanhola, uma literatura feminina afro-latina permite esse processo de identificação, que se dá pela representatividade das autoras estudadas, bem como deslinda em um ensino decolonizador.

Para Mignolo (2017, p. 16, grifos do autor):

Pontos de origem e rotas de dispersão são conceitos chaves para traçar a geopolítica do conhecimento/sensibilidade/crença, tanto como a corpo-política do conhecimento/sensibilidade/entendimento. Quando Frantz Fanon termina seu *Pele negra, máscaras brancas* com uma prece: *Oh corpo meu, faz de mim, sempre, um homem que se interrogue!* (1973, p. 192) expressou, em uma só frase, as categorias básicas da epistemologia fronteiriça: a percepção bio-gráfica do corpo Negro no Terceiro Mundo, fundando assim uma política do conhecimento que está arraigada assim como o corpo racializado, nas histórias locais marcadas pela colonialidade. Ou seja, um pensamento que faz visível a geopolítica e corpo-política de todo pensamento que a teologia cristã e a egologia (e.g. cartesianismo) ocultam.

Nesse sentido, o conhecimento que emerge dos corpos negros e de suas biografias, com todo o conteúdo político e racializado que apresentam, deve ser o corpo-base de uma educação que se proponha decolonial e, sobretudo, antirracista. Ao tensionarmos os campos de ensino de

língua espanhola que apagam mulheres negras e enfatizam autores canônicos brancos e europeus, damos margem para que ocorra, numa perspectiva intercultural, a inserção desses saberes ancestralizados que, por tanto tempo, estiveram fora dos currículos escolares.

Destacamos que o ensino da Língua Espanhola pensado a partir dos estudos decoloniais é um lugar fundamental para decolonizar os saberes que estão presentes na sala de aula e neste sentido as leis federais brasileiras nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 nos asseguram esse direito, bem como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Nesse viés reiteramos o direito a uma educação antirracista e que no mínimo seja respeitado esse acesso a outras epistemologias. Para tanto, precisamos estar alertas quanto ao que representamos e que o fato de que escolher este ou aquele conteúdo é determinante para a educação que queremos. De acordo com Soares e Fontes (2019, p. 36):

Produzir um discurso, uma fala que seja publicizada no campo social é enfrentar, também, o debate do racismo. De forma geral, quando nos situamos em espaços que são reconhecidos por produzir saberes, como a escola, por exemplo, precisamos nos atentar para o fato de que os nossos corpos possuem marcas que serão decisivas para a perpetuação de cenas de violência ou para a resignificação e produção de novas cenas em prol da diminuição ou extinção desses episódios violentos. (SOARES; FONTES, 2019, p. 36).

Desse modo, em consonância a Nilma Lino Gomes (2020, p. 59), que nos diz que é necessário entendermos as questões pedagógicas “como um permanente confronto entre paradigmas de educação, de conhecimentos, de valores e do humano”, reiteramos a necessidade de afrolatinizar com escritas femininas o ensino de língua espanhola no Brasil. Isso com o intuito de tornar não apenas o ensino mais significativo, mas também para que nossos alunos tenham possibilidades outras de reconhecimento, identificação e construção do saber, a partir da afrocultura.

4. Conclusão

Em nossa conclusão sem concluir, defendemos a urgência de construirmos uma educação antirracista no ensino de língua espanhola, a qual amplie a voz de sujeitos historicamente silenciados, como as escritoras afro-latinas. Entendemos que a linguagem é a morada dos sujeitos, e nesta perspectiva ela é constitutiva de saberes, experiências e ancestralidades, por isso, é importante apresentar aos nossos alunos essa literatura insurgente, a partir de diálogos interculturais. Somos atravessados cotidianamente por atos políticos e optar por não negar mais essas narrativas é acima de tudo uma questão política. Acreditamos que a Literatura, em suas diversas faces, pode ser uma importante aliada no ensino antirracista e neste momento evocamos esse lugar de resistência ao colonialismo através da poética de escritoras afro-latinas, como contributo a uma educação antirracista.

Referências

EVARISTO, Conceição. Literatura e educação segundo uma perspectiva afro-brasileira. In: EVARISTO, Conceição; SILVA, Denise (org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiro, africano e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: URI, 2009. p. 30-45.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador*. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017. p. 56-92.

MIGNOLO, Walter D. Desafios decoloniais hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 2017, v. 1, n.1, p. 12-32.

SOARES, Mayana Rocha; FONTES, Ramon. *Pedagogias transgressoras*. Salvador: EDUFBA, 2019.